



SÓ

Um advogado de divórcios que é um romântico incurável...

MAIS UMA  
HISTÓRIA  
DE  
AMOR

Uma escritora de romances  
que não acredita em finais felizes...

TOP  
SELER

KATELYN DOYLE

*Para o Chris*

# PARTE UM

ESCOLA SECUNDÁRIA DE PALM BAY  
DÉCIMA QUINTA REUNIÃO

*Novembro de 2018*

## CAPÍTULO 1

### Molly

Se alguma vez organizarem um evento que inclua uma tenda branca alugada, podem ter a certeza de que eu, Molly Marks, responderei ao convite recusando-o com pesar.

Se a vossa tenda estiver enfeitada com flores fora de estação, ou milhares de luzes de feira, ou marcadores de lugar em relevo — se estiver adornada com uma pista de dança, uma banda de casamentos, um estrado para brindes —, podem ter a certeza de que estarei lá *in absentia*, a brindar a vocês, queridos amigos, a centenas de quilómetros de distância.

Não é nada pessoal. Tenho a certeza de que o vosso evento é fundamental e de que são uns anfitriões maravilhosos.

Mas uma tenda branca alugada é um monumento às demonstrações públicas de emoção, e os sentimentos a mim deixam-me de pé atrás. Se tenho mesmo de mostrar um sentimento — que horror —, tenho de o fazer em casa, com as persianas fechadas e as luzes apagadas, com um roupão coberto de natas e salpicado de *sauvignon blanc*.

Portanto, podem compreender que, nesta noite abafada, nesta ilha reluzente de estrelas, famosa pelas suas praias cor de champanhe, eu tenha o entusiasmo de uma mulher desequilibrada sobre os seus saltos altos que caminha para o seu túmulo tropical à beira-mar.

Porque, a meio caminho, no brilho perlado da lua cheia da Florida, se aproxima de nós a boca faminta de uma tenda branca do tamanho de um navio de cruzeiro.

E, por cima dela, rodeada de falsas buganvílias e iluminada por luzes que variam do violeta ao rosa, uma faixa proclama numa letra festiva:

BEM-VINDOS À VOSSA 15.<sup>a</sup> REUNIÃO,  
TURMA DE PALM BAY DE 2003!!!

Três pontos de exclamação. Letal.

Posso admitir que, nas circunstâncias certas — se eu fosse outra pessoa, por exemplo —, a atmosfera que me recebe sob o pano ondulante pudesse passar por sonhadora.

Afinal, o ar cheira a jasmim, a flores de laranjeira e à brisa marítima que sopra do Golfo do México. Tochas de pé alto dão à pista de dança uma luz tremeluzente. Há um bar de champanhe e um balcão de lagosta. Homens e mulheres muito bem vestidos abraçam-se com sinceridade genuína, sorrindo uns para os outros. Em alguns rostos até descortino lágrimas.

Ponho a mão na garganta para sentir a minha pulsação acelerada. Foi um erro não ter tomado um Xanax no hotel. Talvez consiga esconder-me num dos postos dos nadadores-salvadores.

— Não consigo fazer isto — murmuro à minha melhor amiga, Dezzie, que, com o marido, Rob, são o mais próximo que tenho de um par para esta noite.

Ela aperta-me a mão sem medir a força — um gesto que tanto pode ser de confiança como de dor, para me pôr em sentido.

— *Vais* fazer isto — murmura-me ela de volta.

— E é assim que eu descubro que a minha mulher andou numa escola secundária horrível na Florida — comenta o Rob, sem se perturbar com o meu nervosismo. — A sua reunião dos quinze anos parece daqueles casamentos feitos no estrangeiro.

— Na verdade, isto é dez vezes melhor do que nosso casamento — diz a Dezzie, arrastando-me para lá de uma mesa com saquinhos de boas-vindas, contendo havaianas brilhantes e *spray* repelente de insetos. Fazemos uma pausa para observar umas peças centrais que reúnem abacaxis, orquídeas e palmeiras brilhantes de trinta centímetros de altura.

— Foi aquilo a que tiveste direito por teres casado com um pobre trabalhador de apoio social — responde o Rob. — Talvez possamos apoderar-nos desta reunião e usá-la para renovar os nossos votos.

— Se há alguma coisa pior do que uma reunião do secundário — digo eu, pesarosa —, é uma reunião do secundário barra renovação de votos. Além disso, há uma lei universal que diz que todos os casais que renovam os seus votos se separam em menos de um ano. Vocês os dois são um casal demasiado bom para arriscarem tudo por causa de um *cocktail* de camarão.

— Vejo que hoje estás com uma disposição catita — diz o Rob, beliscando-me o ombro.

Tem sorte por eu estar demasiado nervosa para retaliar, ou podia espetar-lhe um dedo mesmo entre as costelas. Ele e a Dezzie estão juntos há tanto tempo que eu e o Rob somos quase como irmãos. Daqueles que se adoram muito e que o mostram picando-se e usando uma pitada de ligeira violência física.

— Ser rígida era a marca da Molly no secundário — diz-lhe a Dezzie. — No último ano, foi votada como a «mais pessimista».

Atiro o cabelo para trás.

— Um feito no qual ainda tenho muito orgulho, muito obrigada. Tive de me esforçar por essa honra.

Paguei-a com uma tendência adolescente para ataques de pânico. Mas não se preocupem. Depois de adulta arranjei um psiquiatra e agora sou uma mulher forte e destemida, com um calmante *cocktail* de antidepressivos e ocasionais ansiolíticos.

— Nem imagino como seria a Molly em adolescente — diz o Rob, aceitando de um empregado uma minúscula carapaça de caranguejo com caviar dentro. — Mas, tendo em conta o quanto ela é intolerável agora, só posso crer... que não fosse grande coisa. — Faz-me um sorriso trocista e é a minha vez de lhe dar um beliscão no ombro.

— Oh, meu Deus, era insuportável — responde a Dezzie, pondo um braço à minha volta com carinho. — Era toda poesia triste e café forte e discursos feministas e clube de debates. Era a corporização humana de uma tatuagem da Sylvia Plath.

— Ah, então literalmente nada mudou — comenta o Rob.

— Falso — contraponho. — Eu sou a rainha das malditas festas. Só não sou desta.

Por favor, acreditem em mim: isto é verdade. Vivo em Los Angeles e a minha carreira depende da minha habilidade de manter uma conversa encantadora à beira da piscina em casas absurdamente grandes nas Hollywood Hills, ao mesmo tempo que ingiro a quantidade exata de champanhe. Posso mostrar charme com os melhores deles, falar como se fosse uma ingénua, criar redes de contactos tão naturalmente que é quase como se estivesse a divertir-me.

Mas isso é na vida real.

Aqui, trata-se de uma imitação da escola secundária.

— Bem, esta noite — diz o Rob —, vamos pôr-te tão entusiasmada por ver os teus velhos amigos que nem eles te vão reconhecer. Não vamos, Dezz?

A Dezzie perscruta a sala, já sem nos prestar atenção nenhuma.

— Onde é a nossa mesa?

— Vamos ocupar uma mesa do fundo, onde ninguém venha falar connosco — sugiro.

Ela bate-me no braço com a sua mala. É uma bela mala. A Dezzie tem um excelente bom gosto. Esta noite traz um vestido curto e estruturado que parece *Comme des Garçons*, mas que, garantiu-me ela quando me engasguei de inveja ao vê-la, é apenas uma túnica criativamente apertada por um cinto de nada mais nada menos do que a casa de alta costura Amazon.com. Tem o cabelo preto brilhante também estruturado num corte pelos ombros, e os lábios são um traço vermelho que realça perfeitamente a sua pele pálida. Por outro lado, o Rob tem a sorte de ser elegante e de rosto quadrado, porque o seu sentido de moda pode dizer-se caridosamente que é algo desleixado. Veste as suas habituais calças bege amarrotadas, que esta noite são acompanhadas por um *blazer* de *tweed* demasiado quente para a temperatura que está, e uns sapatos de vela pretos baços que não combinam com o cinto. São um casal estranho, tipo a Karen O e o Jim do *The Office*. Mas têm uma química invejável.

— Credo, Molly, *tens* mesmo de parar de te queixar — diz a Dezzie. — Não vês a maioria destas pessoas há quinze anos. Fizeste a viagem de Los Angeles até aqui à Florida, que odeias. Não te vou deixar esconder

toda a noite atrás do teu copo de vinho, a mandar mensagens sarcásticas para mim e para a Alyssa por baixo da mesa.

— Se achas que esta noite vou beber algo tão fraco como vinho, enganas-te redondamente — respondo-lhe. — Além disso, já deitei o olho ali a uns *cocktails* exclusivos. Como é que iria resistir a um *Palm Bay Preptini*?

— Oooh, e a que sabe a nostalgia de um colégio privado de quarenta mil dólares por ano? — pergunta o Rob.

Pego numa taça transportada por um empregado que vai a passar e engulo metade do líquido laranja-pálido. — Mulheres a suar dentro dos seus vestidos de alta-costura, e tipos envelhecidos e bêbedos a dançar *hip-hop*... e, sim, rum ou algo parecido.

A Dezzie aproxima-se de uma mesa e regressa trazendo na mão três marcadores de lugar.

— Encontrei-nos — diz ela, entregando-me um.

*Molly Marks, Mesa 8*

Sinto um aperto na barriga.

— Espera aí. Os lugares são *marcados*?

A Dezzie encolhe os ombros.

— Foi a Marian Hart que organizou isto. Provavelmente, quer favorecer os cruzamentos sociais. Sabes como ela é.

A Marian Hart era a nossa chefe de turma e a rainha do baile de finalistas. Tem a energia inesgotável e otimista de uma diretora de atividades em navios de cruzeiro.

— Por favor, diz-me que estamos sentadas na mesma mesa — digo, tirando-lhe o marcador da mão.

*Desdemona Chan, Mesa 17.*

— Grande merda — murmuro. — É bom que pelo menos a Alyssa esteja na minha mesa.

A Alyssa é a nossa outra melhor amiga, a terceira do trio inseparável que formávamos no segundo ano.

— Não. Vi o marcador dela. Está na onze. Além disso, o voo dela atrasou-se e ainda vai demorar pelo menos uma hora a chegar aqui. Ela não pode salvar-te. Vais ter de te *misturar*.

— Eu *misturo-me* bem — atiro-lhe. — O que não suporto é a falsa nostalgia e a alegria forçada.

No palco, a banda de baterias prateadas e tipos brancos a fazerem uma *cover* de *The Weather Is Here, I Wish You Were Beautiful*, de Jimmy Buffet, termina, e a própria Marian Hart sobe ao palco.

Sem surpresas, tem um aspeto impecável. O seu cabelo de madeixas louras perfeitas está preso num coque elegante que, inexplicavelmente, não se desmancha com a humidade da Florida, e os seus braços parecem ter sido patrocinados pela Goop.

— Pessoal! — guincha ela ao microfone. — É maravilhoso ver-vos a todos. Estão aqui, esta noite, cento e cinquenta e oito pessoas das cento e sessenta e sete do nosso ano, acreditam nisto? E vamos. Divertir. Nos. TANTO.

Os seus olhos azuis reviram-se com sinceridade.

Enterro a cabeça no ombro da Dezzie.

— Já estou a odiar isto. Porque é que estou aqui?

— Tu *quiseste* vir, hipócrita. Espreita à tua volta. Talvez te divirtas.

Ela está enganada. Eu, de certeza, não *queria* vir. Estou aqui porque fui pressionada pelos meus pares. Sou a única do nosso pequeno círculo que vive na Costa Oeste e as ocasiões para nos vermos são cada vez mais raras, agora que a Alyssa já tem crianças. Mas estou a terminar um projeto e não gosto de viajar quando estou em modo de escrita.

— Devia estar em casa, a escrever — digo.

— Podes tirar quatro dias de folga — diz o Rob. — Não é como se fosses oncologista.

Estou muito longe de exercer medicina que salva vidas. Escrevo argumentos de comédias românticas para ganhar a vida. Pensem em encontros sentimentais, cenários brilhantes, um galã contendo as lágrimas ao professar um amor improvável e eterno a uma mulher que aparentemente trabalha numa revista e tem sempre o cabelo impecável.

Vá, eu espero que parem de rir.

A minha carreira está obviamente longe da sensibilidade misantrópica pela qual sou conhecida. No entanto, saibam que sou surpreendentemente boa no que faço. Tive dois sucessos *indie* consecutivos logo depois de me licenciar. É verdade que isso foi há oito anos. Mas o meu produtor está em negociações com um ator de topo para interpretar o papel principal no argumento que estou a terminar, e que acho que pode vir a ser um êxito.

Um grande êxito, até.

Coisa de que a minha carreira necessita desesperadamente. Tenho trabalho regular a escrever como *freelancer*, mas depois do meu sucesso de principiante, fui suficientemente convencida para achar que seria a próxima Nora Ephron ou Nancy Meyers, lançando clássicos absolutos e recebendo dinheiro a rodos. Neste momento, estou a ficar mais longe do conceito de «voz milionária de uma geração».

— As entradas vão ser servidas — continua a Marian, do palco.  
— Portanto, se puderem dirigir-se aos vossos lugares, seria perfeito. Vamos desfrutar deste fabuloso jantar e depois vamos para a festa como se tivéssemos 16 anos outra vez! Para nos pôr à vontade, há desbloqueadores de conversa em cada mesa. Conversem sobre eles enquanto apreciam as vossas vieiras. E agora, divirtam-se!

Agarro na mão da Dezzie.

— Não acredito que vou ter de passar por isto sozinha.

— Vais ficar ótima, princesa — responde ela, soltando a mão do meu apertão. — Dá cabo deles. Se não for com charme, então com o teu famoso olhar sinistro.

— Já estou arrependida disto.

— Olha, aqui está a nossa mesa — diz a Dezz ao Rob, apontando para uma mesa de oito próxima, onde já estão sentados um tipo calado que criou um fundo de investimento e o Chaz Logan, o miúdo mais cómico do nosso ano.

— Caramba, tens o Chaz e o bilionário? — gemo, apesar de já ter 33 anos. — Estou verdadeiramente invejosa.

A Dezz olha para a sala.

— Oh, acho que a tua mesa também vai ser interessante.

Sigo-lhe o olhar até uma pequena mesa num dos lados da tenda, perto da praia, com um marcador em forma de gaivota que diz: Mesa 8.

E, sentado nela, sozinho, está o Seth Rubenstein.

Fico com o fôlego dolorosamente preso no esófago.

— Oh, que caras — sibilo.

## CAPÍTULO 2

### *Seth*

Estou a divertir-me tanto. *Adoro* cenas destas.

Estou há uma hora na reunião dos quinze anos da minha escola secundária e já revisei a última década com a minha antiga parceira de Química, a Gloria, e a sua mulher, a Emily (são designers de cenários em Hollywood e acabaram de adotar um cão), vi vinte fotografias do bebé do Mike Wilson (miúdo fofo), ameacei atirar a Marian ao mar (adoro a Marian, e ela está fantástica), tomei dois *cocktails* exclusivos batizados em honra da nossa escola (totalmente deliciosos) e vi uma pitada do jogo do Lightning no telemóvel do Loren Heyman (não aprecio hóquei, mas acho que o Loren pensa que sou outra pessoa, e gosto disso nele).

Agora, estou sentado sozinho na mesa oito porque, ao contrário dos meus antigos colegas que continuam a circular, eu respeito a intrincada coreografia do protocolo do evento criada pela Marian. Além disso, se formos os primeiros na mesa, conseguimos captar as reações de cada um que chega, ao perceber que vão ter de falar connosco toda a noite.

É espetacular.

Estico as pernas, de costas para o bonito Golfo do México, dou um gole no meu *Palm Bay Preptini* e bato o pé ao som da abertura de *Margaritaville*, enquanto espero pelos meus companheiros de jantar.

Há um cesto de pão com aqueles palitos crocantes de parmesão que são viciantes — *nham* —, tiro um e trinco-o. Um monte de migalhas cai-me embaraçosamente pelo peito abaixo.

Sacudo as migalhas do casaco e, quando levanto os olhos, sinto um aperto no estômago.

É a Molly Marks, parada à sombra de uma palmeira envasada, a olhar para mim horrorizada.

Não a via há quinze anos.

Desde que nos separámos.

Ou melhor, desde que ela terminou comigo, inesperadamente e sem aviso, de uma forma de que eu só me refiz muito depois de estar na faculdade — ou mesmo na especialização em Direito, dependendo de quanto álcool bebia.

Meto rapidamente o resto do palito na boca e levanto-me com um enorme sorriso, ainda a mastigar, porque a Molly não merece que eu espere até acabar de engolir o resto.

— Molly Marks! — chamo, abrindo bem os braços, como se não houvesse nenhuma razão no mundo para ela não entrar neles e me dar um abraço de velhos amigos. Sou o Seth Rubenstein, advogado, e vou *afogá-la* com o meu famoso carisma.

Ela fica onde está, com a cabeça de lado, como se eu fosse um lunático.

Bem, eu *sou* um lunático, admito. Mas sou um bom lunático, o que a Molly com certeza terá dificuldade em compreender, sendo a pessoa fria e cruel que é.

— Ei, não deixes um pobre tipo pendurado — exclamo. — Anda cá, Marks!

Ela corresponde relutantemente ao meu abraço e tenta dar-me umas palmadinhas no ombro — como se tocar-me com mais do que um dedo pudesse contagiá-la com alguma doença venérea.

Que eu não tenho. Fiz os testes antes de viajar para cá. Só por precaução.

Puxo-a para mais perto.

— Ei, algum carinho, por favor, Marky Marks. É o teu velho companheiro, o Seth Rubes.

— Quem? — diz ela, irónica.

Rio-me porque estou determinado a mostrar a afabilidade relaxada de um tipo muito calmo, que não está minimamente perturbado pela sua presença. E a Molly foi sempre engraçada, para aquelas pessoas com quem condescendia em falar.

— Nem acredito que vieste a este carnaval — digo, recuando para olhar para ela. Ela não apareceu nas reuniões dos cinco nem dos dez anos, para surpresa de absolutamente ninguém.

— Nem eu. — Suspira, daquela forma desligada do mundo que, em tempos, me fazia perder a cabeça.

— Estás maravilhosa — digo-lhe.

É claro que isto é obrigatório dizer-se a alguém numa reunião da escola secundária, mas no caso dela é verdade. Continua a ter aquele cabelo comprido, forte, castanho-escuro, que lhe cai até ao rabo, o que a distingue logo dos cabelos apanhados e enrolados das nossas colegas Flamingos de Palm Bay. É ainda mais alta do que eu me lembrava, com pernas incríveis, realçadas pelo efeito do vestido preto curto e leve, que acompanha com um casaco de cabedal, em previsível contradição com as indicações de «traje de *cocktail* tropical» dadas pela Marian. Tem entre dez a doze fios de ouro finos no pescoço, de diferentes tamanhos, entre a garganta e o início do peito, enfeitados com pendentos minúsculos, desde um cato a um mapa da Califórnia. Fico desiludido comigo próprio por perceber que queria tirar-lhe os fios todos do pescoço, um por um.

Ela avalia-me de alto a baixo.

— Tu também pareces bem. Achava que te ia encontrar um pouco mais envelhecido.

Hum.

Tento não parecer triste.

Parece que não consigo porque ela põe uma mão de manicura perfeita sobre a boca.

— Desculpa. Saiu-me mal. Queria dizer que...

— Esperavas ver-me com a maturidade apropriada à minha natural dignidade? — digo, para a salvar, pois ela parece prestes a fugir e a enterrar-se na areia.

Nunca consegui evitar as tentativas de a salvar de si própria.

Não que alguma vez tenha funcionado.

— Não, é só que... Quer dizer, não envelheceste. Ou envelheceste, claro, mas não tremendamente, como todos os outros aqui? Continuas bonito e viril? Credo, desculpa, por favor.

Ela continua a falar como um manual de estudo ambulante, mas parece genuinamente mortificada. Fico com pena dela.

— É do *botox* — brinco. — E tenho um grande cirurgião. — Ela não se ri, sem surpresas. Sempre foi contida no seu riso. Se queremos pô-la a rir, temos de o merecer.

Mas, quando o conseguimos, é extremamente gratificante.

— Por favor, senta-te — digo, desviando-me e fazendo um gesto galante para a cadeira vazia ao meu lado.

Está vazia porque eu não trouxe companhia. Ou, melhor dizendo, a minha companhia, a minha namorada dos últimos quatro meses, cancelou no último minuto, tendo terminado comigo por mensagem na noite anterior ao voo que nos traria aqui.

Disse-me, como disseram as últimas cinco ou seis mulheres com quem andei, que as coisas estavam a avançar demasiado rápido. Que eu queria mais do que ela estava preparada para dar.

Talvez tivesse razão. Tendo a atirar-me de cabeça para o namoro, esperando que ambos nos apaixonemos. Porquê refrear o nosso entusiasmo e afeição naturais se qualquer mulher pode ser a tal? Ando à procura da minha parceira para a vida, da minha alma gémea, da minha mulher.

E tenho a certeza — *a certeza* — de que vou encontrá-la em breve.

Não partilho nada disto com a Molly.

— Quem está mais nesta mesa? — pergunta ela, olhando em volta.

— A Marian — digo, deleitado. A Molly nunca suportou a Marian.

— Credo, ela está na mesma — diz a Molly. — Que faz ela agora?

Obviamente, a Molly não manteve o contacto com ninguém do nosso ano.

— É executiva de publicidade — respondo. — Especializada em marcas de higiene feminina.

A Molly faz um sorriso sarcástico.

— A Marian vende tampões e merdas dessas?

Abano a cabeça.

— Merdas, não. Só tampões.

Desta vez, ela ri-se.

— Então, e tu, como estás? O que fazes? — pergunto, embora saiba exatamente o que ela faz porque ela é, pelo menos no nosso círculo de amigos comuns do secundário, famosa.

Ela pega num dos palitos de parmesão e parte-o ao meio, como se fosse um brinquedo e não algo delicioso de comer.

Se não estou enganado, ela está nervosa.

*Eu* estou a pô-la nervosa.

Maravilhoso.

— Sou escritora — diz ela, sem elaborar.

— Oh, isso é o máximo. E o que escreves?

— Filmes. Comédias românticas.

Diz isto sem entoação, como alguém que não está interessada em aprofundar o assunto. É a minha oportunidade de a torturar, só um bocadinho.

— Menina Molly Marks — digo. — Deves estar a brincar. Logo *tu*, a escrever filmes de amor?

— Filmes de amor que valem para cima de cinquenta milhões de dólares no fim de semana de estreia — diz ela. — Ou, pelo menos, valiam, antes de os super-heróis dominarem as bilheteiras.

— Eu adoro super-heróis — respondo. — Sem ofensa.

— Claro que adoras. Sempre adoraste uma batalha simplista entre o bem e o mal.

É cruel, mas é verdade, e não posso deixar de apreciar que ela seja maliciosa. Faz-me lembrar o nosso romance. O amor verdadeiro aos 16 anos deixa marcas. Até hoje, sou irremediavelmente atraído por mulheres hostis.

— Eu bem sabia que, no fundo, eras uma sentimental — digo eu, o que é verdade. Ela recusou sempre ir ao cinema comigo porque os filmes a faziam chorar e ela tem uma fobia de chorar em público.

— É o meu trabalho — responde ela, e engole metade de um *Palm Bay Preptini*.

— Cuidado, miúda — digo-lhe. — Isso aí tem cinco variedades de rum.

Ela chama um empregado e pede mais dois.

— À nossa — diz, e oferece-me um.

Aceito-o e bebo um gole.

— Hum.

— Então, e tu, o que fazes? — pergunta ela.

— Advogado. Sou sócio de uma empresa em Chicago.

Admito que digo isto com orgulho. Fiz o exame à Ordem com 23 anos e já era sócio com 28, um caso sem precedentes na minha empresa.

— Que tipo de Direito praticas? — pergunta ela.

Tenho menos ânsia de lhe responder a esta pergunta. Sei que ela não vai gostar.

— Direito da família — respondo, o mais desinteressadamente possível.

A Molly fita-me com um ar de verdadeira descrença.

— És um advogado de *divórcios*?

Ela tem um profundo desprezo por advogados de divórcios. Justificável.

Mas tento não ser como aqueles que arruinaram a vida à mãe dela quando éramos miúdos. Tenho orgulho de ajudar casais a separarem-se amigavelmente — ou, ainda melhor, a sararem.

— Não totalmente — respondo rapidamente. — Também trato de acordos pré-nupciais, faço mediação...

Ela abre os lábios num sorriso de ameaça.

— Isso é hilariante — diz, sem qualquer diversão. — Foste sempre um romântico incorrigível no secundário.

— Tu deves saber — respondo.

Ela fica da cor da areia.

Ups. Não tinha intenção de lhe ir à jugular tão depressa.

Queria *demoraaaaaar* mais um pouco.

No entanto, a sua reação agrada-me.

Antes que eu possa aproveitar para lhe lembrar outras coisas que ela me fez na nossa adolescência, a Marian chega à mesa, ladeada pelo seu ex-namorado da escola secundária, o Marcus; a nossa colega que veio de França para estudar naquele ano, a Georgette, e o acompanhante da Georgette, um homem intimidantemente bonito, que parece entediado de uma maneira que só um parisiense poderia estar numa reunião de escola secundária da Florida.

— Ah, olhem para vocês os dois! — grita a Marian, dirigindo-se a mim e à Molly. — Como se nem um dia tivesse passado. — Vira-se para o tipo francês. — Estes dois costumavam ser os maiores *amours*.

Ponho um braço sobre os ombros da Molly e aperto-a como se não houvesse amanhã.

— Ainda somos.

A Molly estremece muito levemente, com o que pode ser repugnância ou o arrepio da brisa noturna ou uma onda de desejo nostálgico por mim.

Pronto, talvez não o último.

— Pois, não — murmura ela.

O tipo francês estende a mão à Molly.

— Sou o Jean-Henri, marido da Georgette.

— Sou a Molly — responde ela, apertando-lhe a mão. — A cabra da turma.

## CAPÍTULO 3

### Molly

É difícil fingir que não estamos afetadas por ver alguém que magoámos profundamente e a quem nunca pedimos desculpa, quando temos as mãos a tremer.

Ponho-as debaixo da mesa, e espero que o Seth não repare.

A Dezzie tinha-me garantido que ele não estaria cá. Pensando bem, a Dezzie é o tipo de pessoa que não tem problemas em mentir-me para eu fazer aquilo que ela acha que vai ser bom para mim, e ela acha que eu enfrentar as minhas ansiedades é bom para mim.

Mas a Dezzie é uma *chef* pasteleira, não é psicóloga. As suas intervenções psicológicas normalmente não acabam bem.

Entretanto, o Seth está a agir outra vez como se não houvesse absolutamente nada de errado. Como se eu não tivesse acabado com ele de uma forma insensível, depois de quatro anos de namoro, na nossa última noite do secundário. Como se não fosse nessa noite que tínhamos planeado perder a virgindade, na *suite* de um hotel que ele já tinha enchido de pétalas de rosa e de quatro tipos diferentes de preservativos, *suite* onde eu entrei, lhe parti o coração e me fui embora.

Como se tudo isso não voltasse ao de cima em menos de cinco minutos.

Se bem o conheço — e quem poderá dizer, já que o afastei completamente há quinze anos e nunca mais voltámos a falar? —, ele está a gozar comigo.

Mas não há problema, digo a mim própria, tentando respirar de maneira normal. Ele merece-o.

Fico aliviada quando o Seth se põe na conversa com a Marian e o Marcus sobre Chicago, onde vive. Depois, falam sobre a casa da Marian, em Miami, e a do Marcus, em Atlanta, e dos seus empregos na publicidade e na gestão desportiva.

Eu pratico o meu francês com a Georgette, que vive agora em Paris e é estilista, e que odeia vieiras tanto quanto eu.

— *Tu es avec Seth?* — pergunta ela em voz baixa, acenando na direção dele.

— *Non!* — atiro. — Vim com a Dezzie e o marido.

— Ah! — diz a Georgette, com um suspiro muito francês. — *Tant pis.* O seu tom parece levemente desapontado.

Sacudo essa sensação. A Georgette só andou connosco no penúltimo ano. Sem dúvida que não tem noção da história sórdida do fim da nossa relação.

— Conta lá — digo ao marido dela —, como é que vocês os dois se conheceram?

Numa inauguração de fotografia, no bar do topo do Centre Pompidou, *bien sûr.*

Deixo-me absorver pelo conto de fadas glamoroso do seu namoro. Ou, mais exatamente, finjo ter grande interesse nele, de forma a poder desviar mais o corpo para longe do Seth, como se as palavras da Georgette fossem um campo de forças que me protegesse de ter de falar com ele durante o resto da noite.

É então que a Marian se levanta e pega numa pilha de cartões que está no centro da mesa.

— Está na hora de quebrar o gelo! — guincha ela.

— Boa! — O Seth entusiasma-se, conseguindo até transformar «boa» numa palavra de duas sílabas.

Não parece estar a troçar.

Nem acredito que andámos juntos.

É verdade que ele era lindo no secundário e, de alguma maneira, ficou ainda mais bonito: alto e elegante, cabelo preto ondulado, olhos escuros com um brilho travesso e um nariz com um ligeiro desvio, que só posso classificar como sensual.

E depois, claro, há o facto de ele ter sido apaixonado por mim, em vez de antipático ou assustado como todos os outros rapazes da nossa

escola. E o pequeno pormenor de eu me derreter toda nos momentos secretos em que estávamos sozinhos.

Ele ainda é a única pessoa por quem me apaixonei.

Não devia ter-me sentado ao seu lado.

Mesmo com a minha ansiedade e as minhas tentativas de prestar atenção às piadas da Georgette sobre a Marion Cotillard, todas aquelas feromonas de apalpaço-no-banco-de-trás-do-carro estão de volta e não me deixam concentrar, devido à proximidade do Seth. Estou dividida entre a ânsia de ir à casa de banho reencontrar-me comigo própria e a vontade de pegar nele e arrastá-lo para debaixo do pontão, onde costumávamos enrolar-nos.

É que o sexo é um excelente remédio para a ansiedade, sabem? Recoloca-nos no nosso corpo, porque é difícil entrarmos numa qualquer espiral depressiva se alguém estiver a tocar-nos nas mamas. Este fenómeno explica pelo menos setenta por cento dos meus ex-namorados, que, de outra forma, seriam inexplicáveis.

O braço do Seth roça no meu quando ele o estende para pegar no copo, e eu sinto esse toque reverberar na vizinhança dos ovários. Sinto os ombros relaxarem pela primeira vez esta noite.

Olho-o de relance, tentando perceber se ele também está dominado por algum vestígio de luxúria.

Mas ele está completamente concentrado na Marian.

— Primeira pergunta! — diz a Marian, abanando o cartão na nossa direção. — Qual é a tua memória preferida da escola secundária?

Credo.

O Marcus levanta a mão.

— Essa é fácil. Foi ter sido o rei do baile de finalistas ao lado desta beleza.

A Marian cora e pega na mão do Marcus. Ele olha-a nos olhos, com um brilho fascinado. Consegue-se *sentir* o calor que passa entre eles.

— Também foi a minha noite preferida — ronrona a Marian.

Inadvertidamente, cruzo o olhar com o Seth. Pergunto-me se ele estará a lembrar-se, como eu, de que nessa noite o convenci a faltar ao baile e a ir passear na praia. De que a noite estava exatamente como hoje, ligeiramente húmida e iluminada pela lua cheia. De como nos

atirámos ao mar com a nossa roupa mais fina e de como aparecemos no pós-festa estonteados, eu de lantejoulas a pingar e ele de *smoking* encharcado.

Desviamos ambos o olhar.

É a vez da Georgette e ela fala sobre o mergulho aquático que fizemos numa viagem de turma à Costa Rica. Depois, é a minha vez.

Tenho uma branca.

A verdade é que todas as minhas memórias preferidas têm que ver com o Seth. Mas, obviamente, não vou confessá-lo. Portanto, falo sobre a primeira coisa inócua que me vem à cabeça.

— Nunca me hei de esquecer de uma noite em que eu, a Dezzie e a Alyssa estávamos a dormir juntas e nos escapámos de casa, para ir à procura de um velho bar *country* de que tínhamos ouvido falar, a leste da zona dos ranchos. Roubámos o descapotável da mãe da Dezzie e conduzimos durante uma hora e tal por estradas escuras e poeirentas, a ouvir Patsy Cline aos gritos, até o encontrarmos. Ninguém nos pediu identificação e comemos grelhados e dançámos com um monte de velhotes armados em *cowboys*, até às duas da manhã. Foi incrível.

O que não conto é como desejei que o Seth estivesse comigo durante toda aquela noite. Como a Dezzie e a Alyssa me chatearam por eu lhe ter telefonado para ele poder ouvir a banda através do meu telemóvel.

— Isso é mesmo querido — diz a Marian, fazendo-me beicinho.

— É mesmo — concorda o Seth. — Quem me dera ter lá estado.

O Seth tinha desejado literalmente estar lá. Tinha ficado triste por eu não o ter convidado. Ele adora — adorava — música *country*. E dançar. É uma *dessas* pessoas.

Tentei levá-lo lá uns meses depois, quando ele fez anos, para o compensar, mas descobrimos que o bar tinha fechado.

Isto podia ser uma metáfora da nossa dinâmica no secundário: ele, sempre a desejar mais. Eu, sempre a um gesto de distância de corresponder à devoção com que ele me brindava. Ele tinha uma capacidade de afeto infinita. E eu já tinha o veneno que ainda hoje carrego: um instinto para hesitar e recuar no exato momento em que as outras pessoas mais querem o meu amor.

— É a tua vez, Rubes — diz o Marcus.

O Seth encosta-se na cadeira e põe o braço por cima dos meus ombros com naturalidade.

— Foi o dia em que esta aqui concordou em andar comigo — diz ele. Está sem dúvida a gozar comigo.

— Estávamos num concurso de debate e discurso no colégio de Raleigh, no nono ano — continua ele, olhando-me de um forma que só posso considerar de carinho sarcástico. — A Marks aqui ganhou, claro. Depois disso, alguns de nós acabámos no quarto de hotel do Chaz Logan, a falar sobre o Supremo Tribunal, porque éramos uns pequenos pretensiosos. A Molly lançou-se numa defesa muito eloquente da interpretação constitucional em detrimento do construcionismo estrito, e era tão inteligente e estava tão bonita, que pensei que o meu coração ia derreter-me no peito. Portanto, quando o Chaz nos expulsou do quarto para se ir deitar, perguntei-lhe se ela queria continuar a conversa à beira da piscina, já que estávamos tão entusiasmados. Pusemos os pés dentro da água e eu disse-lhe que, enquanto ela fazia o seu discurso perfeito, eu só conseguia pensar no quanto queria beijá-la.

Toda a gente na mesa nos olha como se estivéssemos numa comédia romântica. Só me apetece levantar da cadeira e correr para o mar, porque ser comida por um tubarão é preferível à combinação de vergonha e constrangimento que está a sufocar-me.

O Seth dá um risinho divertido, como se estivesse a contar esta história no jantar de ensaio do nosso casamento.

— E lembras-te do que respondeste, Molly? — pergunta ele, olhando-me no fundo dos olhos.

Toda a gente fica suspensa, a sorrir.

Aclaro a garganta, esperando conseguir dizer as palavras.

— Perguntei-te do que estavas à espera.

# UMA HISTÓRIA DE AMOR PARA QUEM ACREDITA EM ALMAS GÊMEAS... MESMO QUE NÃO O ADMITA.

Molly Marks escreve guiões para comédias românticas, mas não acredita que o «felizes para sempre» exista na vida real. A única vez em que esteve apaixonada foi há quinze anos, por Seth, o seu namorado da escola secundária, que abandonou sem qualquer explicação na noite do baile de finalistas.

Seth Rubenstein, por seu lado, é um firme defensor do amor verdadeiro, apesar de ganhar a vida como advogado de divórcios. Tem a certeza de que a sua alma gémea anda por aí algures, e há muito que tenta encontrá-la em diversos encontros românticos e algumas relações falhadas. Contudo, chegou à conclusão de que nenhuma mulher se compara a Molly Marks, a rapariga que lhe partiu o coração no passado.

Embora não se falem desde o fim do secundário, Molly e Seth acabam sentados à mesma mesa na décima quinta reunião de turma e são forçados a reconhecer que a atração que os unia não desapareceu. Depois de muitas bebidas e uma noite inesquecível, Seth está determinado a provar que por detrás da fachada de ceticismo de Molly se esconde uma mulher romântica, por isso decide fazer uma aposta: para provarem que a sua visão do amor é a correta, terão de prever o futuro de cinco dos casais ali presentes, incluindo o deles próprios. Seth garante-lhe que ela se apaixonará por ele. Molly tem a certeza de que acabarão por se magoar um ao outro. Ele tem cinco anos para lhe demonstrar que ela está enganada.

«Hilariante e comovente... Repleto daquela magia romântica de que se fazem os filmes.»

Ashley Poston, autora bestseller do *New York Times*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789895830121



9 789895 830121 >